



TRABALHANDO VALORES EM SALA DE AULA: A “INTERNALIZAÇÃO”, O “MÉTODO SOCRÁTICO” E OS “ESTÍMULOS MAIÊUTICOS” **Celso Antunes**

O substantivo feminino “internalização” não é muito popular e a essência de seu significado necessita recorrer à Psicanálise, em que significa a “adoção ou incorporação inconsciente de certos padrões, práticas, ideias ou valores de outras pessoas ou da sociedade em geral, em que o indivíduo passa a considerar como seus”. Esse processo pode se dar de maneira inconsciente, sobretudo na infância, quando a criança, por exemplo, muitas vezes incorpora elementos de ficção e, em suas fantasias e devaneios, deixa temporariamente de ser quem é e se assume como sendo um super-herói, uma fada, um jogador de futebol ou ainda outra figura imaginativa.

Mas essa incorporação não ocorre somente na infância e é essencial que ocorra em diferentes fases da vida quando se aprendem conteúdos ligados a valores e condutas. A internalização, quando se manifesta de maneira integral, transforma a informação em conhecimento, materializando-o em competências, isto é, o pensamento que se transforma em ação. Nesse caso, os valores incorporados se transformam em condutas e assim não mais se assumem valores por conveniência, temor ou imitação, mas por percebê-los integrados à própria essência da personalidade. Uma pessoa honesta, íntegra, leal e ainda com outros atributos éticos não os exercita como ritual ou por temer consequências de desvios de conduta, mas por efetivamente “ser” ou “sentir-se” envolvido por esse procedimento e, nesse exemplo, afirma-se que “internalizou” esses valores.

Ainda que infelizmente não muito comum nas aulas ministradas no Brasil, a ação docente visando à internalização de valores se apoia em preceitos filosóficos muito antigos e que ficaram conhecidos como Método Socrático, que por sua vez, é uma técnica de investigação filosófica feita através de diálogos e que consiste em o professor conduzir seus alunos a esquemas e processos de reflexão e progressiva descoberta dos próprios valores. Para isso, o professor que conduz esse debate necessita fazer uso de perguntas simples, quase ingênuas, que têm por objetivo, em primeiro lugar, revelar as contradições presentes na atual forma de pensar dos alunos, normalmente baseadas em estereótipos e preconceitos sociais, e auxiliá-los assim a redefinir tais valores, aprendendo a pensar de forma independente.

Ocorre, dessa maneira, um confronto das ideias em debate, no qual o professor incita os alunos a se debruçarem sobre os desafios ou valores discutidos na busca de um raciocínio mais rigoroso, em que a verdade vem à tona à medida que, por meio de conclusões, os alunos vão fazendo uma revisão do senso comum, percebendo suas próprias contradições e chegando a uma conclusão. É evidente que essa tarefa exige cuidadoso preparo por parte do professor, não só na condução desse debate – quando mais ouve do que fala – mas, sobretudo e principalmente, tendo em vista o ponto a que quer chegar, o sentido da aquisição do valor que está em discussão. Sócrates jamais deixou obra escrita, mas seus diálogos e sua ação foram transmitidos por seu discípulo Platão. Em seus textos, Sócrates valia-se da maiêutica, estratégia que procurava levar ou induzir uma pessoa a ser levada por seu próprio raciocínio ao conhecimento ou à solução de sua dúvida; e pela ironia levava seus interlocutores a entrarem em contradição, tentando depois levá-los a chegar à conclusão de que o seu conhecimento sobre valores é muitas vezes imperfeito e limitado. Embora Sócrates não desenvolvesse



sua ação com crianças, sabe-se atualmente à luz de múltiplas experiências realizadas em todo mundo que estas também, desde os sete ou oito anos de idade, podem perceber a contradição entre a ideia que faz a respeito dos valores que a envolve socialmente e novos pensamentos inspirados pela reflexão e seu próprio raciocínio. Essas considerações são de crucial importância na educação de valores espirituais.

Não se pretende um trabalho em que os alunos (ou os filhos) ouçam de forma repetitiva e mecânica temas sobre atitudes e procedimentos e as aprendam como quem, por exemplo, aprendeu a somar ou subtrair, mas como quem efetivamente se refaz e autonomamente se transforma. É nesse ponto que a pedagogia de valores, que se propõe com a Inteligência Existencial, difere radicalmente de lições morais ou conselhos significativos que, quando ouvidos são assimilados, mas raramente internalizados. A internalização procurada e exercitada por Lawrence Kolberg, nesse sentido, visava à gradual “transformação da pessoa”, na medida em que assumia novas atitudes ao mesmo tempo por uma ação “consciente” e “inconsciente”. “Consciente” pela convicção de que existem caminhos para uma vida digna e alcance pleno da felicidade, e “inconsciente” porque esse caminho transforma a pessoa do aluno de espectador que memoriza conceitos em protagonista que os exerce pela reflexão e internalização.

Mas é importante não valorizar demais o sentido da internalização de valores realizados em sala de aula. O cérebro humano, da mesma forma como pode internalizar valores trabalhados em escolas, pode também internalizar condutas e procedimentos atitudinais opostos. Infelizmente não existe na mente humana um “filtro” que ajude a internalizar valores éticos e que, ao mesmo tempo, bloqueie atitudes antiéticas. É por essa razão que a pedagogia de valores não pode se restringir apenas às práticas escolares, mas destas se estender para exemplos cotidianos, em atitude adulta de perpétua vigilância.

Representaria procedimento injustificável e extremamente ingênuo acreditar que algumas horas de estratégias escolares poderiam moldar condutas de forma significativa em uma leitura de mundo que exalta o consumismo, aplaude a corrupção e teima em sobrepor valores morais a usufrutos imediatos. É por essa razão que a escola que assume uma proposta de Educação Existencial necessita transmitir os valores e as atitudes que defende em todas as disciplinas, em todas as aulas e, sobretudo, em todos os exemplos por todos os momentos da vida do estudante, valendo-se sempre de um método que conduza à plena internalização.

É compreensível que em uma escola caiba, por exemplo, aos professores de Matemática o ensino de conteúdos conceituais dessa disciplina, mas não é aceitável que, na Educação Existencial, possa existir um professor ou um funcionário que não esteja empenhado em compreendê-la e, nos limites de sua ação, poder plenamente exercê-la.